



Histórias de vida e o Vera

Um longo caminho
e outro a percorrer



Leonel de Oliveira (Leo)

Inspetor de alunos

A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar, nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan** (Casa Vera Cruz)

Retrato da capa: **Claudia Cavalcanti**

Pesquisa de imagens/Arquivo Vera Cruz:

Priscila Pires (Comunicação)

Apoio: **Araceli de Carvalho** (Casa Vera Cruz) e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritores: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Ana Júlia Paim, Antonio Ernani Wanderley Bueno de Godoy, Daniel Cimatti e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo:

André Nascimento e Carlos Eduardo dos Reis

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Escola Vera Cruz, em outubro de 2021.

Leo começou a trabalhar no Vera em 1989.
Ele se despede da Escola no final de 2021.

Um longo caminho e outro a percorrer

Quando tudo começou

Vou fazer 59 anos, sou de escorpião. Cheguei no Vera no dia 16 de maio de 1989. Antes eu trabalhava num condomínio na Cerro Corá. Trabalhei oito anos lá. Lá eu ganhava um salário mínimo e saiu uma oportunidade aqui, e eu vim falar com a Vera [Lucia Froio], do RH. Foi minha primeira chefe. Aí depois eu fiz entrevista com a dona Stella [Mercadante, ex-diretora], e depois veio a resposta. Positivo! Fui contratado como porteiro, trabalhei muito tempo lá na portaria. Sempre trabalhei no Verão, mas aí quebrava galho nas outras Unidades: no Inglês, no Verinha, no Ensino Médio. Festa Junina; se precisava fazer algo, eu sempre tava lá.

Comecei como porteiro, mas sou curioso, gosto de trabalhar e sempre ter envolvimento. Então, eu comecei a fazer tudo. Além da portaria, comecei a fazer manutenção, fazer painel, grudar quadro na parede, fazer faxina. Não rejeito nada. A gente sempre está ativo, e o tempo vai passando mais rápido pra gente também.

Também ajudo nas festas, em exposição dos alunos, sempre estou meio envolvido, no Feito por Nós, na Festa Junina. Em todos os eventos eu estou envolvido, me colocam lá no meio e eu vou, né? É uma delícia.

Apoio na travessia

Sou conhecido pelos alunos por causa do meu envolvimento com eles. Trato como meus filhos. Eu tenho quatro filhos e trato eles como fossem meus filhos. Não posso fazer algumas coisas, né? Como dar uma palmada [risos], mas são como filhos. Filhos do coração.

Eu tinha duas vontades na minha vida: de trabalhar com idosos, que a gente aprende muita coisa com idoso. Aí vieram as crianças. Apareceram e eu me apeguei a elas. Porque a gente aprende muita coisa com elas. Hoje a criança já nasce quase falando e a gente acha que é um pouquinho mais antigo. A gente aprende muito, muito, com elas e às vezes falam coisas que a gente vai pensar. Vai tentar aprender, entender. Para a gente poder ajudar, é muito bom. A gente aprende muita coisa, com todo mundo, né? Mas com a criança é coisa nova. Continuação... Nossa, o futuro. E a

gente pensar que ela vai ser o nosso futuro, para um Brasil melhor e um mundo melhor.

No turno da manhã, tô na entrada. Faço a entrada já falando: "Deixa a preguiça do outro lado!"; "Acorda!"; "Ânimo!"; "Mais rápido!". Então, esse é o começo de um bom dia! Às vezes algumas pessoas não gostam daquele bom-dia alto para acordar a vizinhança, que é como eu falava: "vamos acordar a vizinhança". É desse jeito que começa, depois eles entram. Vou fazer as outras coisas, que nem agora de manhã, fui à composteira. Aí me chamaram para ver a exposição, que vai ser no sábado. Então, a gente vai ajudando a organizar, organizando tudo.

Na hora do recreio, não, eu tô na travessia [ajudando as crianças a atravessarem a rua para a praça]. Aí, depois entro e vou fazer outras coisas. Tem um segurança que fica no portão e eu vou fazer outras coisas.

Conheço alguns pelo nome, sim. Porque passado o tempo, a cabeça já não é mais como antes. Alguns, sim... Depois a gente guarda dos mais danados. Dos que dão mais trabalho [risos]. Desses a gente guarda mais o nome. Mais agora, que eu não

fico mais no portão da saída, só na travessia. Aí entra criança nova, de alguns ainda a gente guarda o nome.

Feito por Nós e por Leo

Eu dou a ideia e eles abraçam [risos]. Que nem: comecei fazendo pão. Na primeira remessa, eu fiz 50; da segunda, fiz 80, e depois... Faço aqui! Chego um pouco mais cedo, preparo o fermento, faço ele crescer de volume. É pão caseiro, né? Você deixa descansando para depois bater a massa. E depois eu inventei também a pizza, plantio de mudas para os pais levarem. Eu participava de três eventos: planta, pão e a pizza. Fizemos sucesso.

Porque todo mundo gosta de uma coisa mais orgânica, que não vai assim tanto material químico. Então a gente tenta fazer, e eu faço isso em casa. Com os netos, em aniversário dos meus netos, eu faço. A pizza e o pão. Aí eu divido com os vizinhos um pouquinho, um para o lado direito, outro do lado esquerdo. Sempre fazendo alguma coisa diferente.

No Ensino Médio eu sempre vou para fazer os enfeites da Festa Junina. A dona Elza [Maria de Britto, secretária acadêmica] me encarregava de fazer os enfeites. Modelava os papéis e depois

ia para a biblioteca com os alunos fazer as flores. E nisso a gente vai com os alunos ajudar eles a enfeitar as barracas. Aí coloca a saia com chita, as faixas com os nomes das brincadeiras. Das brincadeiras, geralmente, eu e Toshiaki [Tateyama, ex-coordenador de Esportes] que sempre estávamos participando. O Toshiaki chamava ali e a gente já fazia. O pessoal de arte também fazia as faixas, a gente sempre estava ajudando, para colocarem a molecada para trabalhar. E o nível 2 [do 3º ao 5º ano], a gente fazia aqui [no Verão]. Eu e os meninos e as meninas também ajudando a fazer também os enfeites, e eu com as minhas ideias: fazer o balão, fazer umas coisas diferentes. Brincadeiras também diferentes! Sempre dando opinião para ter coisas novas, brincadeiras novas, enfeites também diferentes, fazer uma montagem diferente das outras, sempre para aparecer uma coisa diferente.

Alunos mais que especiais

O Verão, o Verão tem muito obstáculo, tem muita escada, precisaria ser num lugar mais plano, por causa dos deficientes, e a gente se cansa muito também. Na época não tinha elevador, a gente tinha que carregar os alunos no braço. Não tinha elevador, não tinha essa plataforma que sobe até a quadra, a gente carregava no braço, a gente pegava um por um lado, que nem

Felipe. Ele não gostava que o carregassem na cadeira. Tinha medo de que derrubassem ele. Então eu pegava ele no colo, trazia até a quadra e o outro trazia a cadeira. O Pedro também! Trabalhamos muito com eles e depois, geralmente, eles vão crescendo e vão ficando mais pesados e necessita da gente ter mais força. Depois veio o elevador, a plataforma.

Que nem o Felipe é apegado até hoje, porque ele passa para visitar, porque o Felipe foi um caso especial, né? Ele tinha mais confiança em mim, ele falava que eu era o único que não tinha derrubado ele — era eu e a cuidadora dele, a Kekéu. Eu faço pão para ele também. Agora tem um pedido que ele está com vontade de comer meu pão e eu vou ter que fazer para trazer pra ele. Então ele se apegou demais. O Pedro também era um menino que tinha os problemas dele, mas ele era mais ativo, tinha movimento nos braços, mas o Felipe já não tem, anda até amarrado na cadeira.

E quando ele entrou, não tinha um banheiro que desse condições para ele. Aí, eu com as minhas ideias, falei com Ana Lúcia [Amaral, ex-supervisora administrativa] e fizemos uma mesa. Tipo um balcão, para não pegar espaço, porque só tinha aquele banheiro para deficientes, que ela dobrasse e ficasse na pare-

de, e a gente colocando um gancho para ela não despencar na cabeça de ninguém. Aí depois compraram o assento adaptado e a cadeira de rodas. Que até aí não tinha. Aí a gente tinha que segurar. E o Felipe não tinha mobilidade nenhuma do corpo. Aí foi necessário fazer essa mesa, essa mesa embutida na parede. Ela ficou como uma cama japonesa, abaixa e levanta. Bem prática e funciona até hoje. E com eles foi muito bom.

O Felipe se queixava, ele falava, porque ele queria ser igual aos amigos. Ele queria fazer algumas coisas, queria ter mais mobilidade no corpo, mas ele não tinha. Ainda bem que tem um pai, a mãe e os irmãos que cuidam dele muito bem. E as cuidadoras também cuidam dele muito bem.

O Pedro que foi o primeiro. Disse que já está muito bem e está se virando sozinho. Ele foi para os Estados Unidos e depois voltou. Tem um grupo de amigos que encontra com ele às vezes, eles passam e eu pergunto como está ele, e dizem: "Está ótimo! Dando trabalho, né?" [risos]. Dá aquela saída, balada, essas coisas. Então, tá muito bem.

Sempre tenho notícias dos ex-alunos, que às vezes passam na porta, tiram fotografia comigo, mandam para os amigos. Então,

é bastante o que acontece. E a gente sente falta, não passam para visitar a gente e a gente sente falta. São os filhos, né? A gente cria o filho para o mundo.

Eles têm a vida deles. Têm as obrigações, mais responsabilidade. Eu falo sempre pra eles: quando pega a responsabilidade, depois vêm os filhos, e mais responsabilidade ainda. E a gente agora está recebendo os filhos dos ex-alunos. Então é bom, é bom a gente ver que a roda gira. E eles: "Ah! que pena que você vai sair!". Mas agora preciso descansar um pouquinho, meu tempo já foi.

Fuga na pandemia

Eu fiquei em casa sete meses. Eu fugi algumas vezes. Não pra cá [risos], fui para outro lugar. Teve um dia que eu fui no banco, já que tinha o problema da covid e algumas agências estavam fechadas. Peguei um ônibus, saí do meu bairro (moro em Santana do Parnaíba) e não avisei ninguém também, em casa. "Onde seu pai foi?", "Ele foi pagar uma conta!". Aí a plaquinha dizendo que estava com suspeita de covid, então a gente está fechado, para procurar o centro Santana de Parnaíba. Daí eu não vou. No centro Santana de Parnaíba dá muita gente. Eu vim pra Vila Anastácio, que fica aqui na Lapa, também fechada. Aí

eu fui ali na Nossa Senhora da Lapa, também estava fechada. Aí eu lembrei: “Eu vou lá no Vera, que a agência vizinha do Vera está aberta”. Aí eu vim aqui, e aqui não tinha ninguém. Aí, eu passei um tempinho, fui até a portaria e depois voltei para casa, quase fui assassinado [risos], porque eu não avisei. Eu não uso celular, sou do modo antigo ainda, não quero esse tipo de comunicação. Me achar, não!

Aí cheguei e quase me matam: “Onde você estava?”, “Eu fui lá no banco do lado do Vera, porque lá não tinha ninguém”, “Mas podia ter avisado”. Eu ia avisar como? Mas eu estou aqui vivo. Também não peguei covid. Tomei todos os cuidados, mas foi desse jeito. Aí depois eu voltei a trabalhar, mas sempre o pessoal perguntava: de covid eu não vou morrer, não vou morrer! Eu chegava no corrimão de ferro, e já colocava os braços pra trás também no meio. Evitava dentro do busão pegar naquelas ferragens. Quando saía já passava o álcool e aí chegava em casa, na lavanderia já um pré-banho, para depois entrar para dentro, ir para o banheiro.

E aqui a gente aprendeu a se cuidar. A gente toma mais cuidado no tocar, observar as pessoas quando uma está tossindo. Já não ia ficar do lado. Evitava também ficar sentado.

Porque os ônibus estavam vazios, mas eu vinha em pé. Vai ser a única coisa que eu vou passar álcool, que vai ser nas minhas mãos e nos braços.

Pra Escola a gente vinha escalado por turnos. Eu vinha num período, aí passava sete dias, depois era escalado de novo. Aí vínhamos eu e minha filha, que trabalha na cozinha, para não ficar misturando, né? Mas depois que os alunos voltaram, continua tendo os mesmos cuidados, tomado a vacina, mas com os mesmos cuidados de sempre. Pra gente não transmitir para eles e nem eles para a gente. Então para evitar essa contaminação a gente não sabe como é que a molecada ia reagir. Mas nós tomamos cuidado, mas foi de boa. E depois, quando começou tudo de novo, lá na rua me divertia, porque é bom, né? A gente se sentia abandonado. É uma coisa meio forçada. Meio, não! Forçada! Porque uma bendita de uma pessoa vai lá, não sei pra onde, traz um vírus, e esse vírus ele faz uma tremenda desordem, e faz a gente pensar que a gente precisa tomar cuidado. E mais cuidado, porque além dessa pode vir outra. Mais uma coisa ou mais mortal do que essa, ou menos. Então a gente precisa tomar cuidado. Mas a covid de agora está sendo vencida.

Pra gente até que foi rápido, muito rápido. Porque a febre amarela, que matou muita gente, o medicamento foi demorado e

agora tem gente mais inteligente e foi mais rápido para combater. Agora está saindo até o comprimido, que prefiro o comprimido que a injeção, porque detesto injeção e ainda por cima tive que tomar duas [risos]. E ainda tem a terceira.

Antes e depois do Vera

Já tá tudo engatilhado. Parado eu não vou ficar. Eu quero comprar uma chácara. Seja onde for, mas dentro do mato, longe de vizinho. E quero cuidar de plantas. Eu nasci no interior, sou de São Gabriel da Palha, no Espírito Santo. Saí de lá tinha 4 anos de idade. Passei um bom bocado, lá. Aí fomos para o Paraná, do Paraná voltamos para Vitória de novo. Aí, com 18, 19 anos eu vim para São Paulo, trazido pela minha tia, e aqui eu estou até hoje.

Cuidei de idoso também. Quando eu vim para São Paulo, morei em pensão. Ali na Antônio Borba, e a dona da pensão tinha uma senhora, que era até deficiente. Ela tinha um problema na cabeça e ela era casada, o marido dela, quando vim morar na pensão, ele não tinha mobilidade, daí a gente levava. Então eu já comecei desse jeito. As pessoas precisam, né? De ajuda, de se levantar, de caminhar e fazer esses tipos de coisas. Aí a gente levava para dar banho, trocava. A senhora também, a gente cuidava dela e depois os dois faleceram. Ele morava num

quartinho tão pequenininho, ele era grande, aquele senhor, e ele ficava encolhido na cama.

Naquela época, para alugar uma casa era mais difícil, porque precisava de fiador. Aí demorou um pouco e perguntamos ao proprietário se daria para ceder um quarto, para colocar a cama dele, a cama desse senhor, e o proprietário cedeu. Fizemos a mudança dele, mas no dia que a gente fez a mudança, ele faleceu, e eu estava na cabeceira, sentado na cabeceira da cama. A lágrima caindo, escorrendo do olho. Fechei o olho e morreu. Ele precisava de espaço, para se esticar, para descansar, mas sofreu bastante. E a esposa dele viveu bastante tempo depois disso. E a gente sempre cuidando, fazendo comida, arroz, ovo, e a irmã dela também. Eu consegui a aposentadoria dela por invalidez, porque é tipo família que não tem aquele vínculo, né!? E ela ficava sempre sozinha, não tinha filho. Então, o meio de sobrevivência dela era da pensão que ela pagava aluguel, colocava o pessoal, a gente dormia num quarto com oito pessoas. Tipo um presídio. Mas sobrevivemos e era uma turma legal, tinha umas pessoas meio tortas, mas a gente não se envolvia, sempre conversávamos. Eu pedia para não acontecer ali no espaço, senão prejudicava todo mundo. Contanto que fizesse na rua, a gente deixava para lá. Mas sobrevivemos. Aí aluguei uma casa aqui e comecei a trabalhar no Vera, em 89.

Casei quando eu estava aqui, porque nós moramos um ano e cinco meses juntos. Então, a minha filha tem a idade que eu tenho aqui no Vera, porque a gente se casou depois que teve a minha filha, recém-nascida.

Aí depois eu fui trabalhar de caseiro. Sofri que nem sovaco de aleijado. E quando eu entrei no Vera, aí começou a melhorar, porque eu ganhava um pouquinho mais, dava para pagar o aluguel e depois eu pensei no futuro. Comprei a minha casa quando liberaram aquela carta de crédito. Eu fiquei um ano, um ano e 15 dias na procura de uma casa que desse para mim. Saí do aluguel logo de imediato, sem reforma, sem fazer nada, só a limpeza. Coincidiu que eu achei essa casa onde eu moro hoje, que foi de uma pessoa já falecida também. Ele era também lá da minha terra, e ele na época não tinha documentação da casa. Eu fiz tudo, ele estava pedindo um valor e ela valia mais. E por onde eu já tinha andado as casas não tinham condições de comprar e morar, precisavam de uma boa reforma. Então, eu não tinha condições de fazer isso. E aí, banqueei. Falei com ele se ele não se importava, falou que não, já que a gente era conterrâneo. "Eu espero, quando ficar pronto a gente fecha." E foi assim que aconteceu e agradeço que deu certo, melhorou muito na vida. Depois disso, eu tenho só que agradecer, trabalhando no Vera, todos os companheiros, os colegas de trabalho,

ajudaram muito! O Vera Cruz também me ajudou muito. Tenho que agradecer muito os diretores, professores, os coordenadores, tenho que agradecer de terem me ajudado muito e me aturado também. Porque é uma vida, é a metade dela, mais da metade dela, bem boa.

Leo educador

Me sinto também educador. Porque o que eu sei eu passo para eles. De composteira, de histórias às vezes, que eles pedem e eu contava as histórias, que eu ouvi das pessoas falarem. Dos meus antepassados também. De plantas.

Semana passada fomos numa sala conversar sobre composteira e sobre as plantas. Nossa! É cada pergunta que eles fazem, e a gente foi respondendo o que a gente sabe, né? Ali tem uma fruta que a gente já tira, já dá pra um, e daí erva-cidreira. "Ah... A minha mãe gosta de erva-cidreira, chá de erva-cidreira, com três folhinhas dá pra fazer um chá?" Eu falei: "Dá! Coloca na xícara a água quente que dá para fazer". É uma coisa, assim, maravilhosa. É muito bom, você explicar e aprender.

Na sala de aula fui falar várias vezes, falar sobre pichação no banheiro, pichação nas carteiras, qual o trabalho que dá você

fazer uma pichação numa carteira, o que vai ali naquela limpeza, quando danifica e o que está se perdendo.

Um belo dia, a cadeira tá raspada com estilete, a fórmica. Qual trabalho que o marceneiro vai ter? Eu vou ter que retirar o tampão da carteira, eles vão ficar com a carteira fora da sala durante um período. Aquele compensado, a fórmica, não dá pra se recuperar totalmente, aí tem o acabamento em volta, que agora é de borracha, e aquilo custa um valor, e aquela fórmica perdida e a cola também, e tem mais o trabalho do marceneiro. E daí o professor pede para ensinar para o aluno. Para a gente explicar, e daí a gente explica pra sala inteira.

Uma vez, todo o 7^º ano se propôs a me ajudar a tirar todas as pichações da sala deles. Então, na hora do recreio, eu ia lá com a lixa, lixava junto com eles. Todos eles tiravam e depois limpamos tudo, ficou sem pichação, então a pichação agora diminuiu bastante.

Eles picham com aquelas canetinhas, porque às vezes a gente vai com a bucha em cima da fórmica, a fórmica é lisa e acaba o brilho, né? O branco vai soltando e vai aparecendo o preto da fórmica, que é um material escuro, e aquela camada branca por cima. Então, quando vai aparecendo, daí fica uma coisa feia

e precisa retirar. Então é disso que a gente fala, para eles não fazerem uma coisa que fica difícil de tirar, um tipo de caneta que não dá mesmo para tirar, só esfregando na bucha. Mas isso está aos poucos se alterando. Dá resultado.

A gente tem que entender, porque a gente já teve essa idade, mas a gente vai conversando para ver o que arruma, o que tá mal pensado, o que dá, aí eles prometem que não vão fazer mais. Mas melhorou muito, muito, porque tinha muito, agora você entra na sala e tem muito pouca coisa rabiscada.

O futuro pela frente

Sim, comprar uma chácara. Os netos tão adorando. Tô fazendo pesquisa de valores, que eu possa pagar, né? Mas eu quero um lugar bem pra dentro do mato. Minha esposa concordou da gente ficar por aqui mesmo, para ficar mais perto dos filhos. Eu quero morar, quero visitar talvez para passar em médico, alguma coisa, e depois cair fora, não para ficar, eu quero vir só para passeio e voltar. Eu quero ter um espaço para fazer muda, ter um tanquinho pra peixe. Eu quero procurar bem uma casinha simples, porque eu nasci numa casinha que era de chão batido, não tinha assoalho. Mas nessa casa vai ter, vai ter assoalho decentemente [risos], mas eu quero uma coisa simples.

Se fosse depender de mim, eu não queria azulejo na cozinha, piso, cimento queimado tava ótimo. Adoro cimento queimado.

Então, eu quero ir para um lugar que tenha bastante verde, eu quero plantar frutas, verdura, legumes, fazer produto orgânico, porque o outro tá ficando envenenado, o nosso ar tá envenenado, as frutas, legumes tão envenenados, tudo tá envenenado. Se você for a um supermercado, geralmente você vai pelo que tá mais bonito. É excesso de hormônio, essas coisas que deixam veneno. No morango vai muito veneno, e todo mundo adora. Mas vai muito veneno, e além disso os venenos vão pros rios, pra terra, e acaba ficando em tudo, nascentes.

A gente precisa cuidar, eu quero cuidar. No espaço que eu conseguir, meu espaço vai ser bem cuidado. Às vezes tem só aquele lugarzinho cuidado, mas vou observando para ter um equilíbrio. Quero um lugar que tenha bastante água. Não gosto de rio, mas eu quero água. Pra ter uma plantação mais saudável, sem cloro, que o cloro também atrai doença. E tem outros produtos que eles colocam, além do cloro tem outros, sulfato de cobre, sulfato de alumínio, tem um monte de coisa que faz mal para a saúde. E eu quero viver um pouco mais saudável talvez, um pouco, talvez para viver um pouquinho mais.

Vera, família

Ah! Não falei do meu casamento. Eu me casei no cartório, eu não era casado no religioso, mas eu sou espírita, aí eu fui fazer o curso pra gente se casar na igreja. Quando eu tava lá no altar com a companheira, quando eu olhei para trás, só tinha o Vera Cruz, porque não tinha família nenhuma. Então, minha família era o Vera no meu casamento. Só tinha a turma do Vera Cruz, faz uns quatro anos atrás. Foi muito bom. Muito bom a gente ser agraciado. A gente pensa que a gente tá sozinho, mas não está, tem muita gente em volta que gosta, ama, tem carinho, tem toda uma coisa gostosa pra gente sentir, e olha: fiquei muito feliz de ter todo mundo lá, me dando um abraço, acolhi todo mundo na minha casa e foi muito bom, tenho só que agradecer. Agradecer a família Vera Cruz que me acolheu, e a gente tem uma história.

A gente não pode contar toda a história, porque vai demorar, mas o que dá mais ânimo para continuar é que a gente tem um caminho ainda para percorrer futuramente. Nova etapa.

Depoimento concedido em 13 de outubro de 2021, na Escola Vera Cruz





Uma realização da Escola Vera Cruz | 2021

